

# Cenário Econômico Fevereiro/2021

Em fevereiro, a volatilidade teve continuidade à medida que a nova onda da Covid-19 se acentuou pelo mundo, aumentando às restrições para circulação de pessoas e impactando na retomada do emprego e da economia.

No cenário global, o tema da vez é um possível retorno da inflação pela retomada da atividade econômica pós-vacinação e da continuidade dos incentivos fiscais, com pacotes adicionais sendo gestados nos EUA. Alguns analistas avaliam que um cenário de aumento das taxas de juros e da inflação nos EUA parece bastante otimista neste momento. O fato é que existem questões antagônicas, ao mesmo tempo que há aumento do desemprego e perda de renda, vemos a continuidade do crescimento dos gastos do Governo Americano, o que certamente deve impulsionar a economia.

No Brasil os temas correntes são a ascensão da Covid-19 e as dificuldades do Governo quanto à retomada do auxílio emergencial. As taxas de juros locais subiram seguindo as taxas das *treasuries* americanas que voltaram a subir com o receio da volta da inflação nos EUA. Além da pressão externa, um outro fator que pesou nos mercados de renda fixa foi a volta da discussão a respeito da extensão do auxílio emergencial por fora do teto de gastos. O debate vem ocorrendo em torno das medidas fiscais compensatórias.

É sempre muito delicado aprovar gastos extraordinários que não respeitem a atual regra fiscal, pois o mercado fica sem referencial para projetar a trajetória da dívida. Com isso acentua-se a expectativa de aumento da inflação, que já vem sendo bastante pressionada no Brasil por conta dos alimentos e produtos que dependem diretamente do câmbio, como combustíveis. Isso tem levado à projeções de que o Banco Central volte a subir juros nas próximas reuniões.

Já o mercado de ações iniciou o mês positivo, seguindo a tendência das bolsas globais até o anúncio da troca do presidente da Petrobrás e o aumento de 15% nos preços dos combustíveis. A troca de comando sinalizou uma intervenção populista nas estatais e em todas as políticas públicas, o que aumentou o prêmio de risco das ações dos setores potencialmente afetados. Com isso, o IBrX fechou em baixa de 3,5%, acumulando queda no ano de 6,4%. Apesar disso, as análises continuam indicando potencial de alta na bolsa brasileira.

Nesse cenário, todos os Perfis foram impactados, incluindo o Conservador que apesar de não ter alocação em bolsa, aloca parte dos recursos em títulos de inflação mais longos. Esse cenário de estresse deve continuar no curto prazo, mas a expectativa continua positiva, com o controle da pandemia por meio da vacinação e a retomada do crescimento do emprego e renda, com grande atenção para o desdobramento das necessárias reformas administrativas e fiscal.